

A IGREJA E A ORAÇÃO LITÚRGICA COMO CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO

Prof. Dr. Pe. Pedro Alberto Kunrath
PUCRS

O século XX, especialmente a partir da década de 1930, tem-se marcado com um acentuado desejo de aprofundar mais e melhor o que representa e o que celebra a Liturgia cristã. Em todas as partes, em muitos países e continentes, havia, e ainda há, uma convicção crescente de que o mais importante nas celebrações da fé cristã não são os aspectos pedagógicos, sociológicos, comunicativos – aspectos externos à celebração –, senão os aspectos teológicos, o que acontece invisivelmente, a saber, a comunicação e a celebração do Mistério Pascal de Cristo¹. A Liturgia na sua identidade mais profunda é o exercício do sacerdócio de Cristo glorioso, vencedor da morte e do pecado, que assume consigo a comunidade cristã, louvando o Pai e intercedendo por toda a humanidade; é o Cristo Ressuscitado comunicando pela Palavra e pelos Sacramentos, em seu Mistério Pascal, a sua própria vida. E assim, todos os esforços pedagógicos e pastorais das

¹ O pensamento de que a Liturgia deve celebrar o Mistério de Cristo e da sua Igreja vem confirmado de uma forma profética nas palavras de João Paulo II, por ocasião dos 25 anos da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, do Concílio Vaticano II: “Nada do que nós fazemos na Liturgia pode aparecer como mais importante senão o invisível e realmente o que Cristo faz por obra de seu Espírito” (JOÃO PAULO II. *Litterae Apostolicae Vicesimus Quintus Annus*, n. 10. In *Acta Apostolicae Sedis* 81 [1989] p. 907-908).

comunidades cristãs levam os cristãos presentes às celebrações a participar, o melhor possível, “de maneira plena, cônica e ativa” (SC 14) desse Mistério.

Uma das grandes reações contra o exagerado intelectualismo da Teologia do século XIX e início do século XX, com a demasiada atenção externa à celebração do culto cristão, brotou da audácia e da profecia de Josef Andreas Jungmann² e concretizou-se, em boa parte, na Escola Querigmática de Innsbruck, na Áustria. Em 1936, com a publicação da obra “*A Boa-Nova e nossa pregação-anúncio da fé*”³, o autor encontrou no movimento bíblico e litúrgico, então em grande impulso, o seu ponto de partida. Como primeiro ponto, a constatação de que na Pastoral, quer catequética, litúrgica ou moral, faltava um centro irradiador e polarizador, pois os cristãos conheciam verdades, preceitos e

² Josef Andreas Jungmann (1889-1975) situa-se entre os teólogos católicos de língua alemã do século XX que se colocaram deliberadamente no caminho de uma Teologia menos técnica e que tornasse o dado essencial da fé cristã mais acessível e em conformidade às necessidades do povo mais simples para alimentar a sua fé. Professor da Faculdade teológica de Innsbruck (Áustria), no período situado entre as duas grandes guerras mundiais, era a época em que nos países germânicos, de modo particular, na Teologia se opunha gradualmente a vida à razão, a práxis à teoria, o dinâmico e o concreto ao estático e conceitual. Foi o mentor da conhecida Teologia Querigmática, culminando em duas obras de grande valor: *Die Frohbotschaft und unsere Glaubensverkündigung*. Regensburg, 1936; obra retomada e reafirmada posteriormente pelo mesmo autor no título: *Glaubensverkündigung im Lichte der Botschaft*. Innsbruck, 1963. Com a renovação litúrgica, após a segunda guerra mundial, também a Teologia sacramentária recebeu um grande impulso. As pesquisas históricas mais minuciosas são de uma fecundidade teológica surpreendente, culminando em nosso autor com a publicação da obra monumental: *Missarum Sollemnia. Eine genetische Erklärung der römischen Messe I-II*. Wien, 1949. Outras obras posteriores: *Der Gottesdienst der Kirche*. Innsbruck, 1955; *Messe im Gottes Volk*. Freiburg, 1960; *Liturgisches Erbe und pastorale Gegenwart*. Innsbruck, 1960; e outros artigos que serão citados ao longo deste trabalho.

³ Original alemão: *Die Frohbotschaft und unsere Glaubensverkündigung*.

normas de sua fé cristã, mas lhes faltava uma visão unitária do Cristianismo⁴. Em segundo lugar, o autor verificou que essa falta de um centro de convergência tem sua raiz na própria Teologia que, além de desvinculada da prática pastoral, ressentia-se de um centro canalizador: Cristo, Boa-Nova da salvação, Palavra de Vida, Mistério Pascal⁵.

Em seus estudos sobre a Liturgia, a partir dos textos patrísticos, Jungmann constatou que precisamente no período da Patrística (séculos II-VII) a vida cristã brotava da própria Teologia. E a Liturgia celebrava a vida cristã como um encontro com o mistério de Cristo – Mistério Pascal –, centro irradiador de todo o anúncio da salvação. Surgem assim duas conclusões de sua obra: a Teologia deve voltar-se mais para a vida da Igreja e dela não poderá desvincular-se, pois ela é essencialmente Boa-Nova, Mensagem de salvação, Vida; e depois, a Teologia e a Liturgia devem ser revestidas à luz do mistério de Cristo, particularmente na sua morte e ressurreição, comemoradas na celebração dos Sacramentos, especialmente na Eucaristia⁶.

⁴ “La vita religiosa del popolo fu, sí, nutrita con pratiche di pietà, che parlavano al suo cuore, ma le forme tramandate della liturgia ecclesiastica vennero comprese sempre di meno. La teologia pastorale a partire della fine del secolo XVII vide che doveva cercare un rimedio a quello stato de cose; ma gli esponenti stessi di tale teologia erano troppo contagiati dal razionalismo dell’epoca illuministica perchè potessero trovare la giusta strada” (J.A. JUNGSMANN. *La liturgia della Chiesa* (original alemão: *Der Gottesdienst der Kirche*), Roma, 1958, p. 44).

⁵ “Aliás, a última grande reforma da Liturgia, feita há 400 anos, não era em primeira linha pastoral. Era apologética e motivada historicamente. Ela procurava, pela remoção de certas excrescências e deformações, restituir à Liturgia da Igreja aquela forma que havia tido até alguns séculos antes” (J.A. JUNGSMANN. Uma dádiva inapreciável de Deus à Igreja. In G. BARAÚNA (ed.). *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio*, Petrópolis, 1964, p. 124).

⁶ “Wenn demnach in der ganzen übrigen Liturgie auch nur die verschiedenen Aspekte des in der Messe in besonderer Intensität zusammengefaßten Mysteriums sichtbar werden, so dürfen sich doch die Feste und Feiern des

a) O movimento litúrgico é mais antigo na Igreja Católica que o movimento bíblico e patrístico⁷. Esse renascimento litúrgico, cujos benefícios foram grandes sob o plano da vida cristã, teve igualmente efeitos positivos sobre toda a Teologia⁸. Os teólogos descobriram na Liturgia uma fonte de valor primário onde os mistérios revelados encontram-se apresentados e comentados com autoridade, devido ao caráter hierárquico, oficial e universal da oração pública da Igreja; e em cuja fonte a fé real e viva do povo cristão se exprime numa maneira mais completa e mais adequada do que nas fórmulas, muitas vezes abstratas, das elaborações dos Concílios e das Escolas teológicas e onde o elemento bíblico ocupa um lugar primordial⁹. Um fenômeno característico desse período inicial do século XX é o desenvolvimento da literatura teológica, dir-se-ia, de “divulgação popular”, que procura

kirchlichen Jahres keinfalls in den eucharistischen Gottesdiensten erschöpfen” (W. DÜRIG. *Die Zukunft der liturgischen Erneuerung*. Mainz, 1962, p. 31, citando J.A. JUNGSMANN. Die Eucharistie im Gesamtplan von Liturgie und Seelsorge. *Anima* 14 (1959), p. 252-259). Desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, a celebração da Eucaristia no sentido estrito começa pela exortação: “Demos graças ao Senhor nosso Deus”, para proclamar e comemorar, em seguida, na ação de graças, as ações salvíficas do Pai, no Mistério Pascal de seu Filho (cf. J. A. JUNGSMANN. *Missarum Sollemnia*, vol. I, p. 20 ss; vol. II, p. 138 ss).

⁷ Sobre o movimento litúrgico: O. ROUSSEAU. *Histoire du mouvement liturgique*. Paris, 1945; E.B. KOENKER. *The liturgical Renaissance in the Roman Catholic Church*. Chicago, 1954; TH. BOGLER (ed.) *Liturgische Bewegung nach 50 Jahren*. Maria Laach, 1959.

⁸ Colocando sob tutela exagerada de alguns liturgistas mais entusiasmados, o Papa Pio XII publicou em 1947 a Encíclica *Mediator Dei et hominum* (20.11.1947). In *AAS* 39 (1947), p. 521-595; porém, confirmava o progresso realizado no campo da Teologia e da Liturgia em meio século precedente.

⁹ A renovação litúrgica contribuiu a enriquecer positivamente a Teologia sugerindo novos argumentos ou, ao menos, revelando nesses argumentos aspectos até então esquecidos, gerando uma Teologia da Liturgia cristã. Pensa-se nesse período a grande obra de L. BOUYER. *Le Mystère pascal*. Paris, 1945; ou então o número especial dedicado a Dom Casel: La doctrine du mystère chrétien. In *La Maison Dieu* 14 (1948).

tornar compreensível aos simples fiéis o essencial da Palavra de Deus, do Dogma e da Teologia e assim contribuir para alimentar a vida cristã de maneira mais acessível.

A aspiração por uma Teologia menos técnica e que apresente uma doutrina que possa ser pregada com mais frutos aos fiéis está na origem do movimento lançado em 1936 por Jungmann, professor da Faculdade de Teologia de Innsbruck, na Áustria, em favor da elaboração de uma Teologia da Pregação ou Teologia Querigmática¹⁰. Os fundadores da Teologia Querigmática notaram que a Teologia se ocupava tanto com demonstrações e polêmicas, dentro de uma visão intelectualista e apologética, a tal ponto de se esquecerem de que ela é, antes de tudo, Revelação salvífica, Boa-Nova de salvação¹¹ e que originou uma Teologia desencarnada da pastoral. A Escola desejava acentuar mais o caráter histórico da Revelação, como um acontecimento sempre atual, sempre operante, cujo centro, o Evangelho, a Palavra de Deus, fosse anunciado como Boa-Nova da salvação¹². To-

¹⁰ É impressionante o quanto a obra de Jungmann contribuiu na renovação da Teologia, da Liturgia, da Catequese. E um dos frutos foi o surgimento da Teologia Querigmática de Innsbruck. A referida Escola surgiu por volta de 1939 entre os padres jesuítas da referida cidade austríaca e esteve em destaque até aos anos de 1950. Seus principais representantes são os teólogos H. Rahner, Lotz, Dander, Lackner e outros. A respeito da obra de JUNG-MANN: *Die Frohbotschaft und unsere Glaubensverkündigung*, uma breve clarificação crítica, com indicações bibliográficas, in J. COMBLIN. *Vers une théologie de l'action*. Bruxelles, 1965, p. 32-40.

¹¹ O que bem mais tarde Latourelle descreveu como centro da Revelação: “A Revelação é revelação de Deus que salva por Cristo. O Evangelho é uma mensagem de salvação: notifica a salvação posta a nosso alcance por Cristo e pela Igreja. A Revelação põe em pauta o todo da existência” (R. LATOURELLE. *Teologia da Revelação*. São Paulo, 1972, p. 260).

¹² A originalidade do movimento lançado por Jungmann e apoiado por seus colegas de Innsbruck, especialmente por F. Lackner e H. Rahner, consiste em defender a legitimidade e o valor da Teologia científica ou escolástica, mas em propor ao mesmo tempo uma segunda Teologia, destinada a fazer a ponte entre a Teologia puramente intelectual e a Catequese e a Pregação.

da a Revelação está centrada em Cristo e é eminentemente salvífica, anunciada e preparada na antiga Aliança e finalmente dada por Cristo, na nova Aliança. E a Revelação é interpessoal, ou seja, ela é a Palavra do Deus vivo que agora se dirige ao homem convidando-o à fé, ao dom de si a Deus que se doa ao homem, para salvá-lo¹³.

b) Se se compara a situação do movimento litúrgico¹⁴, às portas do Concílio Vaticano II (1962-1965), com o que era nos inícios do século XX, aprecia-se um progresso inegável realizado na sua extensão como na sua profundidade. O interesse pela Liturgia, as realizações práticas e a participação ativa dos fiéis era

¹³ Superados os debates e as críticas, era difícil definir bem o objeto e o método próprio da Teologia Querigmática numa maneira tal que se pudesse distingui-la adequadamente da Teologia científica: “Ela não vai além da Escolástica, antes, é um retorno a essa” (J. COMBLIN, *op. cit.*, p. 38). Assim, o movimento praticamente faliu como tal, mas é preciso dizer que ele chamou a atenção sobre o papel, há muito esquecido, da adaptação do ensinamento teológico, com o fim de torná-lo assimilável e sempre atual ao povo cristão; como também o fato de ter contribuído a restaurar no ensino da fé cristã a concepção bíblica e patrística da História da Salvação e a colocar o acento sobre os temas fundamentais da revelação. Uma boa síntese sobre a Teologia Querigmática encontra-se em R. LATOURELLE, *op. cit.*, p. 256-261.

¹⁴ Por movimento litúrgico entende-se o movimento iniciado no século XIX, que teve no beneditino D. Guéranger um de seus pioneiros e que publicou a obra clássica, posteriormente revista pelos padres beneditinos de Solesmes: D. GUÉRANGER. *L'Année Liturgique*, 5 vols. Desclée, 1954. Quem popularizou a Liturgia foi, entre outros, Pius Parsch, na Áustria, que com outros liturgos lançou o pensamento: para renovar a missa, deve-se renovar a antemissa, ou seja, para reformar a Liturgia eucarística deve-se renovar a Liturgia da Palavra. Nesse particular cabe um mérito a Jungmann com as suas obras sobre a anúncio da Palavra de Deus e a nossa profissão de fé, já citados neste trabalho. Em sua obra, Jungmann fundamenta o pensamento dos liturgos acima citados, culminando na mais importante, *Missarum Sollemnia*, já citada e outras obras que se seguiram, traduzidas em várias línguas e que se tornaram clássicas na literatura teológica.

então ainda difícil de prever naquele período¹⁵. Porém, o povo cristão acolheu as sugestões, e os liturgistas puseram-se ao trabalho de traçar as linhas diretivas do então movimento nascente¹⁶. O movimento litúrgico nasceu por força da necessidade. Sob a influência do individualismo e do racionalismo modernos, o culto da Igreja, suas formas de celebração e sua Teologia haviam sido relegados a um plano secundário. E com isso, a vida religiosa e a prática da fé cristã haviam tomado, em grande parte, um caráter subjetivo e privado¹⁷. A alma do movimento tem sido a compreensão do Mistério e a participação ativa do povo nas celebrações como critério principal da reforma litúrgica e deve ser o objetivo primordial da pastoral litúrgico-sacramental¹⁸.

¹⁵ O impulso principal, tanto doutrinal como prático, veio em primeiro lugar da hierarquia. Basta pensar no impulso decisivo que deu ao nascente movimento litúrgico o Papa Pio X com o Motu Proprio *Abhinc duos annos* (23.10.1913). In *AAS* 5 (1913), p. 449-451.

¹⁶ O movimento litúrgico já desde o início do século vinha produzindo lentamente seus frutos, quer em nível das comunidades menores, quer mesmo em nível da Igreja, através das reformas que os dois Papas Pio X e Pio XII introduziram. O movimento anterior ao Concílio Vaticano II trabalhou em dois planos. Um, mais de base, que atingia a compreensão essencial da Liturgia, em penetrar no Mistério que a Igreja celebra; o outro, mais prático, atingia a mudança dos ritos. Pode-se ler mais sobre a reforma litúrgica em J.B. LIBANIO. Aos 30 anos do encerramento do Concílio Vaticano II. Chaves teológicas de leitura. *Perspectiva Teológica* 27 (1995), p. 297- 332, especialmente p. 322-323.

¹⁷ Pensa-se, no início do século, a chamada de atenção que faz Guardini sobre o sentido verdadeiro da vida litúrgica: R. GUARDINI. *Vom Geist der Liturgie*. Mainz, 1918; e que tem sido uma obra de referência obrigatória em todo o século XX. Completa esse trabalho também a sua carta ao bispo de Mainz, um escrito de 1940, onde o autor dá uma resposta às objeções, sobretudo às acusações de elitismo de que foi objeto o movimento litúrgico (cf. ID. *Ein Wort zur liturgischen Frage*. Mainz, 1940, re-publicado em *Cuadernos Phase* 64 (1995), p. 19-44). Também é notável a obra de P. PARSCH. *Volkliturgie, ihr Sinn und Umfang*. Mainz, 1940.

¹⁸ *SC* 2, 11, 14 e 21; J.A. JUNGSMANN. Das Grundanliegen der liturgischen Erneuerung. In *Liturgisches Jahrbuch* 11 (1961), p. 129-141; J. M. ENOUT.

A questão de como se participa da Liturgia, de como se vive a Liturgia, é certamente complicada. É uma questão que não se resolve somente com o fato de possuir um conhecimento teórico e intelectual de suas diferentes partes. É necessário também aproximar-se da Liturgia desde uma perspectiva e uma Comunhão eclesial adequada, assim como uma particular e cuidadosa sensibilidade espiritual e cristã¹⁹. O Mistério que a Liturgia celebra é, em primeiro lugar, obra de Deus nos fiéis e para os fiéis. A Liturgia é a epifania do Mistério de Deus, da Redenção de Cristo; prolonga a Encarnação em nossos símbolos e ritos, na proclamação da Palavra e na participação sacramental. É também a epifania do Corpo de Cristo, a Igreja, pois perfila o retrato da Igreja que é a comunidade reunida por Cristo em seu Corpo²⁰.

A Constituição Litúrgica do Vaticano II, culminância do Movimento de Renovação Litúrgica. In G. BARAÚNA (ed.). *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio*, p. 169-202; G. BARAÚNA. A participação ativa, princípio inspirador e diretivo da Constituição Litúrgica. In Id. *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio*, p. 281-353; A.M. TRIACCA. Partecipazione alla celebrazione liturgica. Per un “bilancio pastorale” a vent’anni della Costituzione sulla liturgia”. *Notitiae*. 20 (1984), p. 18-19.

¹⁹ “O que é urgentemente necessário nos novos tempos que começam é que, antes de tudo, se facilite aos fiéis o acesso às riquezas de Cristo e que sua ligação com o altar seja robustecida”, era já a profecia de Jungmann logo após a promulgação da Constituição sobre a Liturgia do Concílio Vaticano II (J. A. JUNGSMANN. Uma dádiva inapreciável de Deus à sua Igreja, p. 122). Falando da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, o autor diz que com a reforma conciliar rompeu-se a corrente que desde 400 anos prendia a Liturgia a um estado de imutabilidade e estagnação.

²⁰ O. CASEL. *Le mystère du culte, richesse du mystère du Christ*. Paris, 7. ed., 1964; original alemão *Das christliche Kultmysterium*. Regensburg, 1932. O mistério do culto cristão não é mais do que uma introdução à Liturgia, segundo uma prospectiva que hoje, depois do Concílio Vaticano II, tornou-se sempre mais geral, mas que no longínquo 1932, quando o livro veio à luz na sua primeira edição, representou um estudo completamente novo e em muitos aspectos original na visão e na compreensão do culto da Igreja. A Encíclica de Pio XII *Mediator Dei et hominum* assim se exprime: “A Litur-

Hoje existem condições para abordar o tema da participação no Mistério de Cristo e da sua Igreja com maior novidade e profundidade, porque está mais claro que a idéia de participação depende em grande parte do conceito que se tem da realidade (Mistério) de que se toma parte. A Liturgia e a Teologia dos Sacramentos, desde a origem do movimento litúrgico, a reforma conciliar e o período que lhe sucedeu, têm feito grandes esforços na maneira de conceber a natureza profunda das celebrações litúrgico-sacramentais, como Mistério, como a História da Salvação acontecendo, como acontecimento. E neste mesmo sentido, já com Guardini, Casel, Jungmann e outros, as categorias como comunhão, diálogo, encontro, comunicação foram introduzidas, porque incidem diretamente na dinâmica interna da História salvífica e na celebração do culto cristão²¹.

Todo sacramento e toda celebração litúrgica é uma forma de comunicação, um processo de comunicação. A dimensão comunicativa é primordial na celebração litúrgica. Antes de mais nada, o sacramento, especialmente a Eucaristia, é um meio/sinal de comunicação, um mistério de comunhão. Seu serviço consiste em expressar e fazer acessível a ação salvífica de Deus e em acolher a resposta do homem a este Mistério. E assim, a Liturgia torna-se espaço de encontro do homem com Deus e lugar de diá-

gia representa o culto público completo do Corpo Místico de Jesus Cristo, ou seja, da sua Cabeça e de seus membros". In *AAS* 39 (1947), p. 528 ss.

²¹ Sabe-se que, desde os tempos de Guardini, Casel e Jungmann, a atenção dos teólogos nesse campo tem-se voltado com preferência ao homem que deve entrar no Mistério da Comunhão e a sua participação nesse mesmo Mistério: "Liturgie ist der öffentliche, gesetzliche Gottesdienst der Kirche. In ihr soll Gott durch die geistliche Gemeinschaftseinheit als solche verehrt und diese in und durch solche Verehrung 'aufgebaut' werden" (R. GUARDINI. *Vom Geist der Liturgie*. Freiburg, 1934, p. 4). G. SPORSCHILD; J. STEINER. Kommunikation im Gottesdienst. *Liturgisches Jahrbuch* 22 (1972), p. 117-131; F. KOHLSCHEIN. Die liturgische Feier als Kommunikationsgeschehen. *Theologie der Gegenwart(B)* 26 (1983), p. 1-13.

logo de salvação de Deus com o seu povo²². A celebração litúrgico-sacramental deve ser um instrumento/acontecimento da autocomunicação de Deus ao homem. Os distintos dinamismos ou recursos usados para uma melhor participação da Liturgia estão pensados para conduzir o cristão individualmente e a comunidade que celebra ao próprio coração do Mistério da salvação (cf. SC 11)²³. E o centro desse diálogo de comunhão e salvação é Cristo, Palavra viva e presente na assembléia, que fala aos irmãos reunidos em nome do Pai e fala ao Pai em nome dos irmãos²⁴.

As autênticas dimensões da comunhão-encontro-diálogo com Deus pela via litúrgico-sacramental devem levar em conta o caráter de Mistério do qual se reveste toda a celebração litúrgica. É não perder de vista que esse “algo mais”, ao qual remete sim-

²² H. WAGNER. *Begegnung als theologische Kategorie*. *Trierer Theologische Zeitschrift* 86 (1977), p. 25-30; M. KEHL. *Eucharistie als Begegnung*. In: J. BEUTLER; O. SEMMELROTH (ed.). *Theologische Akademie* 13 (1976), p. 27-42; O. SEMMELROTH. *Wortverkündigung und Sakramentenspendung als dialogisches Zueinander*. *Catholica (M)* 15 (1961), p. 43-60; J. A. JUNGSMANN. *Liturgisches Erbe und pastorale Gegenwart*. Innsbruck, 1960.

²³ Quando não se dá a comunicação em nível profundo do Mistério, se dirá que a celebração parou na metade do caminho, que não alcançou seu objetivo, que não cumpriu sua função de comunicação; pois a sua função é fazer passar à comunhão do Mistério (*in mysterii salutaris faciat transire consortium*), como reza uma conhecida oração do Missal Romano; cf. K. RAHNER. *L'Eucharistie et les hommes d'aujourd'hui*. Tours, 1966.

²⁴ “Il culto cristiano deve esprimere la concezione cristiana della vita soprannaturale, secondo la quale la grazia di Dio si è degnata darsi agli uomini mediante Gesù Cristo, e tuttavia continua a darsi, illuminandoli mediante la parola rivelata e santificandoli con i segni efficaci dei sacramenti; da parte sua l'umanità così rinnovata, cioè la Chiesa, si rivolge a Dio con umiltà e fiducia, in preghiera ed in adorazione. Tutti questi momenti dell'*admirabile commercium* fra Dio e l'uomo devono trovare la loro espressione anche nella liturgia” (J.A. JUNGSMANN. *La Liturgia della Chiesa*, p. 52). O. CASEL. *Il mistero del culto cristiano*. Roma, 1959.

bolicamente o rito e com ele coloca o homem realmente em comunhão com o Mistério da salvação, pensado pela Trindade desde toda a eternidade e realizado na história por Cristo, no Espírito Santo²⁵. Isso supõe que nas celebrações litúrgico-sacramentais da Igreja se recupere o profundo sentido do Mistério do culto cristão²⁶. O retorno ao Mistério é uma realidade sempre atual, e o que importa é que cada fiel saiba orientar-se à fonte da salvação, onde opera o Espírito vivificador que vem de Deus Pai, onde jorra o sangue de Cristo que dá a salvação e vida ao mundo²⁷. Participar sacramentalmente na morte-ressurreição de Cristo equivale a participar de sua vitória sobre o pecado e na vida e na glória que irromperam na ressurreição sobre sua humanidade glorificada²⁸. A participação litúrgica nos coloca em comunhão com o

²⁵ A Liturgia não se move sobre um plano de ação humana, mas é ação divina que provém da humanidade glorificada de Cristo. Essa é, de fato, um mistério cultural, e porque é um mistério, outra coisa não é que a revelação, a presença e a atuação do desígnio salvífico de Deus na humanidade de Cristo (cf. O. CASEL, *op. cit.*, p. 25 ss).

²⁶ Quando os Santos Padres falam de participação, falam de participar e comungar no Mistério salvífico de Cristo: quando Cristo não era mais visível entre nós, “a sua parte visível passou para os seus mistérios” (LEÃO MAGNO. *Sermo* 74, 2: PL 54, 398 A); também citado no *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1115. Nós encontramos nos mistérios do culto cristão a pessoa de Cristo, a sua obra salvífica, a sua eficácia de graça: “Eu te encontro nos teus mistérios” (AGOSTINHO. *Apologia Prophetarum David*, 58).

²⁷ As celebrações litúrgico-sacramentais, cada qual segundo a sua eficácia, abrem ao fiel o acesso à causa universal da salvação, a fonte de toda a santificação, que são os mistérios de Cristo. De todos vale o que Santo Tomás afirma da Eucaristia: “Neste sacramento se encerra todo o mistério da nossa salvação” (*Summa Theologica* III, q. 83. a. 4 c: “In hoc sacramento totum mysterium nostrae salutis comprehenditur”).

²⁸ “Mediante questo sacramento (Eucaristia) non solamente ci viene assicurata l’unione con Cristo, ma anche la possibilità di prendere parte all’opera con cui egli ha debellato il peccato ed ha offerto al Padre celeste la più alta glorificazione” (J.A. JUNGSMANN. *La Liturgia della Chiesa*, p. 119); ID. *Das Gedächtnis des Herrn in der Eucharistie. Theologische Quartalschrift* 133 (1953), p. 385-399.

Mistério de Cristo e o encontro e o diálogo que se originam no interior do sacramento ou da celebração litúrgica são propriamente um encontro e um diálogo com o Pai, por Cristo, na unidade do Espírito Santo²⁹.

Em respeito à liberdade do homem, Deus deseja que a sua participação na obra da salvação seja algo pessoal e livre; Deus deseja o homem como seu interlocutor voluntário e como colaborador, também nas ações litúrgicas e nas celebrações dos Sacramentos³⁰. Com razão, existe, desde o início do movimento litúrgico até aos dias de hoje, uma insistência em que nos Sacramentos não se favoreça a indolência espiritual ou a simples presença para obter a graça, pois, se são sinais do compromisso com Deus, de suas promessas e de sua fidelidade, são também sinais que comprometem o fiel e exigem um esforço de colaboração livre na comunhão com Deus³¹; e com a intenção para com uma atenção ao Mistério, que já é uma forma de participação interi-

²⁹ É óbvio que existem também outras formas – secundárias – de encontro e de diálogo com Jesus Cristo, porém a participação litúrgica nas celebrações está a serviço do encontro com o Pai (cf. J. PASCHER. *L'Eucaristia e la comunità dei fedeli* (Bibliotheca Catholica. Dottrina 3). Milano, 1959, p. 243-308).

³⁰ É também a perspectiva dada pelo Concílio Vaticano II: “É dever dos sagrados pastores vigiar que, na ação litúrgica, não só se observem as leis para a válida e lícita celebração, mas que os fiéis participem dela com conhecimento de causa, ativa e frutuosa” (SC 11).

³¹ Continua o Vaticano II: “Para que se obtenha esta plena eficácia, é mister que os fiéis se acerquem da Sagrada Liturgia com disposições de reta intenção, sintonizem a sua alma com as palavras e cooperem com a graça do alto, a fim de que não a recebam em vão” (SC 11). Como diz Jungmann, “não é, no fundo, nada de novo o que se pretende com isso. Volta-se tão-somente ao verdadeiro sentido das antigas formas tradicionais, isto é, ao fato de que as orações rezadas pelo sacerdote desde sempre estiveram redigidas no plural e os fiéis foram convidados, no *Oremus*, à oração, esperando-se dos mesmos a confirmação do Amém” (J.A. JUNGSMANN. *Uma dádiva inapreciável de Deus à sua Igreja*, p. 123; SC 14, 19 e 48).

or³². Ao homem que participa deve-lhe ser consciente que está entrando em comunhão com o Mistério de Cristo e deve deixar-se atrair por aquela força que um dia manifestou-se na cruz (cf. *Jo* 12,32). À iniciativa de Deus em dar e dar-se o homem responde, abrindo-se ao dom de Deus e deixando-se cumular pela sua salvação. Ao movimento descendente que representa a atualização do Mistério como oferta da salvação de Deus ao homem corresponde o movimento ascendente, acolhendo, aceitando e assimilando o dom da salvação³³. De sinal mais ativo, certamente o consentimento interior ao Mistério é o mais desejado, pois é um sim pessoal à ação de Cristo, pontífice entre Deus e os homens (cf. *Hb* 2,17), sacramento do encontro com Deus; é um sim à atuação do Espírito Santo, vínculo de comunhão com Deus, e é um sim ao amor do Pai, manancial e fim de tudo quanto se realiza e se celebra na Liturgia³⁴.

O encontro do cristão fiel com o Mistério na celebração litúrgica não se realiza no isolamento, na vida privada e intimista, senão dentro do espaço vital criado pela Igreja e animado pelo Espírito Santo, chamado comunidade³⁵. Essa dupla referência, à

³² “Quando si se tiene recta intención, deben orar, non sólo las palabras que suenan, sino el espíritu y los sentimientos” (CIPRIANO. *De dominica oratione*, c. 32. Madrid, 1964, p. 223-224).

³³ Abertura e acolhida são dois movimentos que à primeira vista podem parecer atitudes passivas, porém exigem o esforço de colaboração positiva. Diz Jungmann: “Era pressoché impossibile restare passivi spettatori dell’ufficiatura, tutti sentivano come a sé rivolto il frequente augurio: *Dominus vobiscum!* E l’esortazione: *Sursum corda!* Tutti davano la loro risposta ad alta voce, tanto che San Girolamo narra che nelle basiliche romane l’*Amen!* del popolo rimbombava come un tuono celeste” (J.A. JUNG-MANN. *La Liturgia della Chiesa*, p. 32).

³⁴ J. LLOPIS. “La liturgia celebra la presencia de Dios en el mundo y su invitación al hombre” (*Concilium(E)* 62 (1971), p. 281-290). F. SOTTO-CORNOLA. Celebrare l’unico mistero di Cristo nei molti avvenimenti della storia”, *Rivista Liturgica* 64 (1977), p. 333-346.

³⁵ Falando especialmente da celebração da Eucaristia, Dürig diz: “Hinter dem leidenschaftlichen Bemühen einer richtigen Einbeziehung der Gemein-

Igreja e ao Espírito Santo, não é algo circunstancial, mas representa uma dimensão intrínseca e essencial da participação litúrgica. Ao caráter comunitário e exterior da ação litúrgica em que tomam parte ativa os presentes, desempenhando cada qual a função que lhe incumbe (cf. SC 27-30), corresponde em seu interior a dimensão do Mistério que se faz presente e a forma de participação no mesmo³⁶. Os fiéis vão ao encontro com Deus como povo congregado pelo Espírito, como Igreja de Cristo, como membros do Corpo sacerdotal de Cristo, como comunidade de fiéis que se professam pertencentes à família do Pai, em Cristo, na força do Espírito Santo³⁷.

O ambiente fundamental da presença de Cristo e de seu Mistério é a assembléia litúrgica, onde sua Palavra salvadora, seus gestos pascais e sua oração de louvor e de intercessão ao Pai se fazem presentes e tornam-se palavras e gestos sacramentais da comunidade eclesial. E na medida em que a comunidade participa do mistério da Igreja, participa também do mistério da salvação de Cristo; pois, para os fiéis, a realidade sacramental de par-

de eine dogmatisch verdächtige Geringschätzung der privaten Messe sehen zu wollen, ist abwegig, und es wäre bedauerlich, wenn dadurch die im bisherigen Reformwerk spürbaren, sehr begrüßenswerten und sehr notwendigen Bestrebungen untergraben würden. Nicht die völlig einsame Zelebration, sondern die Meßfeier mit der Gemeinde entspricht doch wohl in echter Weise den Formen und Worten, in denen die Kirche in allen Riten von jeher Liturgie gefeiert hat und noch feiert" (W. DÜRIG. *Die Zukunft der liturgischen Erneuerung*, p. 140). J.A. JUNGMANN. Die Kirche in der lateinischen Liturgie. In: *Sentire Ecclesiam. Festschrift H. Rahner*. Freiburg, 1961, p. 185-195, especialmente 189-192.

³⁶ Tratando-se da assembléia, a reunião efetiva dos cristãos manifesta a obra deixada por Cristo e cuja graça é misteriosamente presente em cada celebração litúrgica (cf. J.A. JUNGMANN. *La celebrazione liturgica*. Milano, 1958, p. 39-53 e 85-98).

³⁷ I.H. DALMAIS. "Liturgia e mistero della salvezza". In A.G. MARTIMORT (ed.) *La Chiesa in preghiera. Introduzione alla liturgia*. Roma, 1966, p. 226-249, com ampla bibliografia.

ticipação no Mistério realiza-se na sacramentalidade da Igreja e dependente dela³⁸. Cada Liturgia é uma ação comunitária, uma ação que constitui e exprime a Igreja. Mediante as celebrações litúrgicas e, antes de tudo, aquelas que constituem os ritos sacramentais propriamente ditos, a Igreja gera os seus filhos à fé, nutre-os e conforta-os ao longo de todo o peregrinar terrestre. Se a Liturgia é ação por excelência da Igreja e a fonte primária e indispensável do espírito e da vida de Cristo, segue-se que todo cristão, filho da Igreja, tem o direito a uma participação plena na mesma Liturgia³⁹. Como Liturgia, o culto cristão não é fim em si mesmo. É fonte viva para a glória de Deus e a vida do mundo. A contemplação e a participação no Mistério⁴⁰ deve transformar os costumes e criar compromissos concretos. Por ser comunhão com Deus, a Liturgia cristã torna-se contagiosa e comprometedor⁴¹.

³⁸ L. BOYER. *Le Mystère pascal*. Paris, 1945; ID. *La vie de la liturgie*. Paris, 1956; C. VAGAGGINI. *Il senso teologico della Liturgia*. Roma, 1965, p. 25-29.

³⁹ O Concílio Vaticano II lembra (cf. SC 14) que, em virtude do Batismo, todo fiel se torna membro verdadeiro e co-responsável do Corpo Místico, tornando-se partícipe dos mesmos dons do Espírito Santo, da mesma graça que constitui o princípio vivificante para todos, graça que vem da Liturgia como de sua fonte primária e principal.

⁴⁰ Duas obras de caráter litúrgico, como contemplação do Mistério, referem-se a M. THURIAN: *Andiamo alla casa del Signore. Gesti e parole di salvezza nella liturgia*. Roma, 1997; *Passione per l'unità e contemplazione del mistero* (a cura de M. F. RICHTER; A. M. RUSSOTO). Roma, 1997.

⁴¹ “Con il *Ite, missa est!*, essa non è altro che una delle tante formule con le quali nell’antica Roma si era soliti congedare l’assemblea, ma assurge ad un significato religioso mercé il *Deo gratias*, con cui viene accolta. Questo però non significa affatto che il cristiano, così congedato, sia inviato a dimenticare e cancellare quanto ha visto e rivissuto durante la liturgia; anzi, egli può e deve riflettere sul significato più profondo di ‘missa’ come di un atto di grande consacrazione, per il quale tutta la sua vita è stata come rinnovata” (J.A. JUNGSMANN. *La Liturgia della Chiesa*, p. 192-193).